
JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 2



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

AINDA ESTAMOS AQUI:



**DIRETAMENTE DOS ESCOMBROS
DA TRADUÇÃO E DA LEGENDAGEM**

AINDA ESTAMOS AQUI: DIRETAMENTE DOS ESCOMBROS DA TRADUÇÃO E DA LEGENDAGEM



Escrito por Andressa Gatto
contato@andressagatto.com

É público e notório que o setor audiovisual brasileiro está bem aquecido, muito em virtude dos diversos prêmios que o filme “Ainda Estou Aqui” trouxe para nosso país. Quando uma indústria é tão aclamada em todo o mundo, é obvio que haja um investimento maior — público e privado — para manter o prestígio dela. Logo, entendemos que é necessário investir em equipamentos, mão de obra especializada, tecnologias e uma série de coisas que fazem o cinema acontecer.

Por sua vez, o setor audiovisual estrangeiro, histórica e politicamente dominado pelo cinema Hollywoodiano (e, agora, pelas produtoras de conteúdo para streaming), está investindo muito em tecnologia com a intenção de “facilitar os processos”. Esta edição pretende refletir sobre a eficácia dessas tecnologias, e o reflexo do uso delas na qualidade do produto final.

Será mesmo que a vida do legendador ficou mais fácil com a introdução de legendas “pré-traduzidas” automaticamente, nos convertendo em “meros pós-editores”? Claro, isso sem contar os casos em que os clientes simplesmente dispensam a equipe de legendadores e revisores e transmitem seus conteúdos com legendas (e dublagens) geradas por tecnologias com qualidade duvidosa.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

Na edição anterior, falamos que muitas agências estão usando a tecnologia de forma desmedida como desculpa para reduzir as tarifas dos prestadores de serviço de Tradução. Por extensão, isso também ocorre muito com os prestadores de serviço de Legendagem. A justificativa, nesse caso, é a de que o legendador agora teria “menos trabalho” para legendar e, por conseguinte, “só” teria que corrigir o texto previamente “traduzido”, fazendo “pequenos ajustes” para criar as legendas.

Falando do trabalho do “pós-editor”, — nome bonitinho para aquele legendador que se dedica a ajustar o texto previamente “traduzido” por uma máquina — será mesmo que o trabalho ficou mais fácil? Na prática, o texto original é inserido em uma ferramenta de “tradução” automática, que gera um produto bruto e que precisaria apenas de alguns ajustes para ser veiculado. Bem, isso foi o que nos prometeram. Mas o que temos visto é uma série de casos que nos fazem contestar sua eficácia. Quando você mesmo produz o seu próprio texto, pode ser que demore mais para digitá-lo e para encontrar as melhores palavras, se compararmos com o tempo que leva para uma máquina “traduzir” aquele mesmo texto. Nesse aspecto, um texto já “pronto” agilizaria nossa vida.

Acontece que, em muitos casos, o texto “pronto” vem cercado de vícios e má alimentação de dados. Sim, a máquina aprende com o que alimentamos nela conforme vamos trabalhando. Assim, podemos nos deparar com uma série de problemas como os “yes” que podem virar “sim”, mas também podem virar um verbo que nada tem a ver com o que foi realmente dito, só pelo fato de que, em algum momento, um tradutor alimentou a máquina daquele jeito porque cabia no contexto dele. Ficou confuso? Por exemplo, em um determinado dia, o tradutor A estava legendando e se deparou com este diálogo:

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

Personagem 1: **"Can I keep this book?"**

A grosso modo, traduzido:

"Posso ficar com este livro?"

Personagem 2: **"Yes."**

Opções de tradução: "Sim." ou "Pode."

O tradutor A optou por traduzir por **"Pode."**

Mais adiante, o mesmo tradutor A se depara com o seguinte:

Personagem 1

(uma mulher falando com um amigo):

"You were amazing."

A grosso modo, traduzido: **"Você foi incrível."**

Personagem 2 (o amigo respondendo):

"Thank you."

Tradução: **"Obrigado."**

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

Sem entrar no mérito da escolha tradutória, vamos acelerar no tempo. Um tradutor B começa o trabalho dele com o uso de tradução automática e se depara com o seguinte diálogo:

Personagem 1: "Are you OK?"
A grosso modo, traduzido: "Você está bem?"

Personagem 2: **"Yes."**
A máquina gera a resposta "Pode."
porque "aprendeu" isso com o tradutor A.
Infelizmente, nosso tradutor B
não é dos mais atentos. Sua legenda fica:

-Você está bem?
-**Pode.**

Mais adiante no trabalho do tradutor B, surge o diálogo:
Personagem 1 (uma professora de dança falando
com sua turma de 10 alunos):

You were amazing. Thank you.

Tradução mais adequada:
Vocês foram incríveis. Obrigada.

A tradução automática,
com base no que o tradutor A havia alimentado:

Você foi incrível. Obrigado.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

Digamos que essas legendas (totalmente hipotéticas, diga-se de passagem) tenham ido ao ar, com ou sem revisão, não importa. Esses erros crassos passaram por todos os corretores ortográficos, claro. Você deve estar pensando: “Aí é erro do tradutor B que deveria ser um bom pós-editor e ter revisado melhor o arquivo dele.” Concordo. Porém, se não tivesse esse ruído de comunicação entre o original e a tradução da máquina, será que esse erro teria acontecido? São legendas relativamente simples. Se um profissional estivesse traduzindo o mesmo texto “do zero”, ele certamente notaria os contextos particulares e teria produzido uma legenda que respeitasse a fluência e a concordância de gênero e número nos casos apresentados.

Outro ponto: antes de tudo, nós somos os nossos próprios revisores. Sabemos (ou deveríamos saber) quais são os nossos calcanhares de Aquiles. Deveríamos ter uma listinha de pontos em que sempre escorregamos para facilitar a revisão do nosso próprio texto. Agora, nós não temos bola de cristal para adivinhar os vícios linguísticos daquela ferramenta. Revisar uma máquina requer o triplo do trabalho e desgaste mental, pois podem surgir coisas do arco da velha.

Então, não, a tradução automática, por mais desenvolvida que seja, não facilita nosso trabalho. O tempo de trabalho é basicamente o mesmo, e o estresse é bem maior. Ela só atrasa um pouco o risco de termos uma tendinite por digitarmos um pouco menos. De fato, não ter que digitar alguns termos nos ajuda nesse sentido. Mas a que preço? E o medo de deixar passar coisas escalafobéticas como as dos exemplos citados?

JORNAL DA GATTO



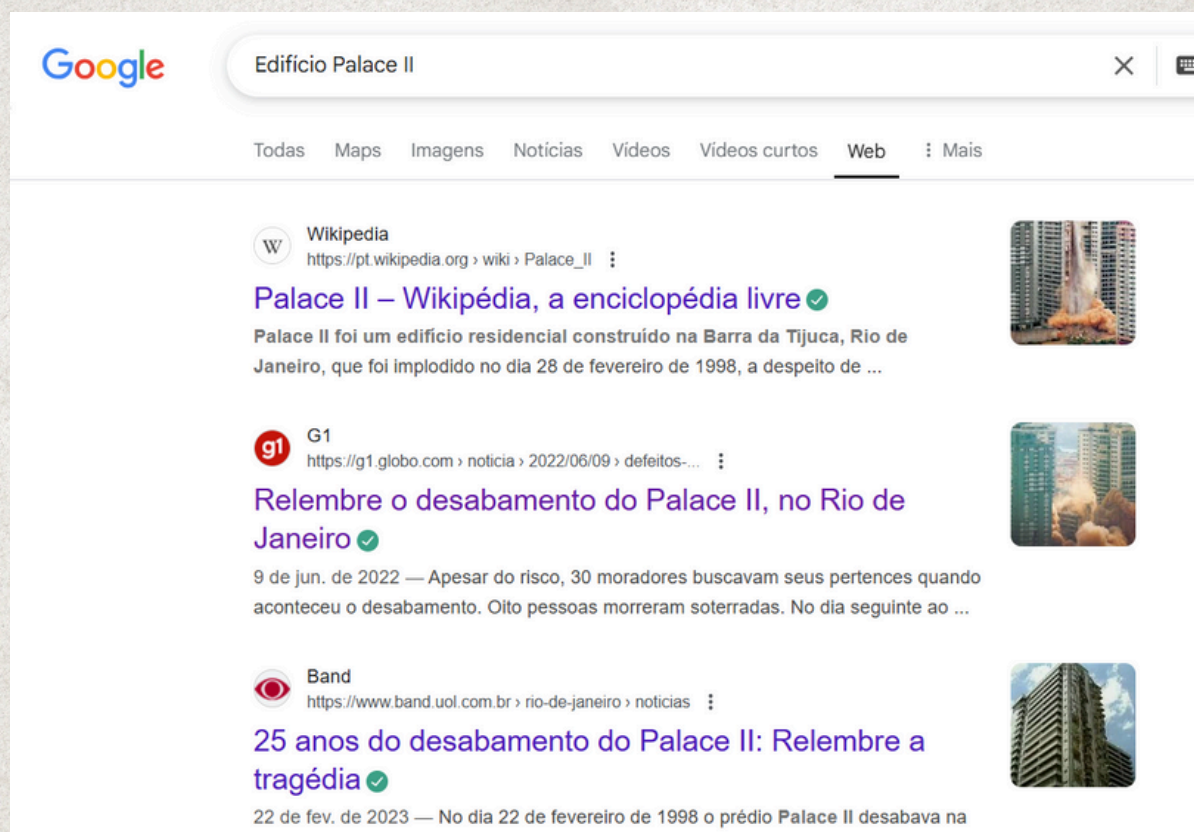
WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

Agora, convido vocês a uma reflexão para além do aspecto linguístico do nosso trabalho. Cada um sabe onde seu sapato aperta, e muitas vezes somos forçados a aceitar condições injustas de trabalho para garantir o pão nosso de cada dia. Entendo perfeitamente isso. Mas ao mesmo tempo me pergunto se essa convivência não estaria servindo a um projeto talvez inconsciente de eliminar de vez a preocupação com a qualidade. Você pode estar se perguntando: “Ai, mas por que eu deveria me importar se um filme está bem legendado ou não? Se dá para entender, é o que importa. Isso é frescura de gente que está com medo de perder trabalho.” Em parte, você está certo. Estamos com medo de perder trabalho, sim. Fato. Já estamos perdendo, na verdade. Mas vamos nos ater à qualidade.

O que acontece em uma obra para a construção de um prédio quando substituímos uma areia de qualidade por outra de qualidade duvidosa, mas mais barata? Acredite em mim, o prédio vai cair. Alguém aí se lembra do Edifício Palace II na Barra da Tijuca? Foi exatamente isso que aconteceu. Dê um Google. Se bobear, até a amada IA vai contar a fofoca por inteiro.



JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

Esse exemplo não foi suficiente para fazer você entender a importância da qualidade? Que tal pensar em uma cirurgia em que os materiais são de quinta categoria ou a equipe é despreparada? Ou na comida de um restaurante feita com ingredientes com validade vencida? Acho que ninguém aqui perdoaria um erro médico ou uma intoxicação alimentar, certo? Sejam sinceros: em segundos, você já iria reclamar nas redes sociais, detonando o hospital ou o restaurante, com toda razão. Então por que razão, com o texto, o tratamento é diferente?

Vamos pensar por um outro ponto de vista. Por que será que o serviço linguístico ocupa um lugar de desprestígio, em comparação a todos os que foram citados? O mais próximo que cheguei de responder essa pergunta é pensar que a língua tem a ver com comunicação. Comunicação tem a ver com reflexão. A reflexão leva ao pensamento crítico. E o que mais vemos é o desestímulo do pensamento crítico para manter a sociedade acelerada do jeito que nós a conhecemos.

Em minhas pesquisas e consultas à voz do povo, ouvi também o argumento de que esse é um trabalho “fácil”. E que trabalhar como engenheiro ou médico requer mais perícia. Ledo engano. Inclusive, não fosse por nosso trabalho, eles não teriam acesso aos livros que usaram para estudar. Mas enfim...

E o que isso tudo tem a ver com a tradução e com as legendas? Bem, já falamos do motivo mais imediato para o descaso com a qualidade no caso da Legendagem: os clientes descartam esse serviço da pilha de prioridades e impõem tarifas cada vez menores para cortar custos. Como nossa categoria é pautada segundo a máxima do “cada um por si”, ela aceita tudo sem questionar, e *voilà*.

JORNAL DA GATTO



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



14 DE MAIO DE 2025

A explicação mais difícil de digerir, porém, é a de que essa prática talvez também sirva a um projeto de “emburrecimento” do consumidor (no caso, do telespectador). Não garantir o acesso a um texto bem-escrito, cuja mensagem seja corretamente transmitida, reduz as chances de o público aprender algo novo e de melhorar sua própria produção textual. O telespectador instintivamente se acostuma a um texto engessado e acaba concluindo que deve escrever “de qualquer jeito” em todos os contextos da vida.

Aprendi nas aulas de Linguística da faculdade que “escrever bem” compreende não só conhecer a norma culta e todo o gramatiquês do vernáculo, como também saber aplicar os diversos registros da língua nos contextos adequados. E é inegável que, numa sociedade desigual como a nossa, essa desenvoltura linguística faça a diferença no acesso a melhores oportunidades na vida, principalmente profissionais.

Além disso, quando a língua deixa de ser usada em prol desse “emburrecimento”, ela promove a construção de uma sociedade de consumidores que não têm preguiça de pensar e que conseguem compreender (e produzir) textos mais complexos, levando a ideias mais complexas. Imagine o que uma sociedade como essa poderia fazer? Assim, de pronto, penso que ela certamente exigiria prédios com fundação sólida, restaurantes que servem pratos com ingredientes de primeira, cirurgias com materiais de qualidade realizadas por profissionais experientes e legendas feitas por profissionais igualmente qualificados, não um Frankenstein montado a partir de uma máquina.

Que tal passarmos, aos poucos, a fomentar esse debate de forma clara e incisiva com nossos clientes, parentes e amigos? Ou vocês vão querer viver em meio aos escombros da conveniência e do oportunismo até não estarmos mais aqui?
